

O ENTRE-LUGAR DE BERKELEY EM BELLAGIO

THE IN-BETWEEN PLACES ON *BERKELEY IN BELLAGIO*

Vanessa Soares de Paiva¹

Resumo: Este artigo apresenta uma leitura do romance *Berkeley em Bellagio* (2002), de João Gilberto Noll, à luz das propostas de Silviano Santiago, no artigo *O entre-lugar do discurso latino-americano* (2000). Santiago instiga-nos a pensar a respeito do papel do escritor/intelectual e a condição em que trabalha, instaura o seu lugar de enunciação, e se põe em relação com questões de dependência cultural. Autores como Ángel Rama (1985; 1998), Hugo Achugar (2006) e Renato Cordeiro Gomes (2004) contribuem para que se possa tomar os valores de centro e periferia como intercambiáveis, e ressaltam a importância dos deslocamentos (não apenas geográficos) para a compreensão do papel do escritor/intelectual.

Palavras-chave: Estudos Culturais. Exílio. Intelectual.

Abstract: This article presents a reading of the novel *Berkeley em Bellagio* (2002), by João Gilberto Noll, inspired by the proposals of Silviano Santiago, in the article *O entre-lugar do discurso latino-americano* (2000). Santiago urges us to think about the role of the writer/intellectual and the conditions in which it works, establishes his place of enunciation, and sets himself in relation to cultural dependency issues. Authors such as Ángel Rama (1985; 1998), Hugo Achugar (2006) and Renato Cordeiro Gomes (2004) contribute so that we can take the central and periphery values as interchangeable, and emphasize the importance of shifts (not only geographicals) to the understanding of the role of writer/intellectual.

Keywords: Cultural Studies. Exile. Intellectual.

O intelectual e seu lugar de enunciação

Silviano Santiago, no artigo *O entre-lugar do discurso latino-americano* (2000), instiga-nos a pensar a respeito do papel do escritor/intelectual latino e a condição em que não apenas trabalha, mas pensa, se coloca e instaura o seu lugar de enunciação a partir de uma relação já há muito consolidada – e que deve ser combatida, desvirtuada – de dependência cultural. Esta não é uma discussão nova; tampouco uma discussão encerrada, senão ainda válida e necessária em nossos tempos. Neste trabalho, proponho uma leitura do romance *Berkeley em Bellagio* (2002), de João Gilberto Noll, que apresenta elementos muito fortemente relacionados à condição do escritor que, exilado, procura meios para o desenvolvimento de seu trabalho. Para ampliar o debate suscitado por Santiago e pela leitura de Noll, destaco autores como Ángel Rama, Hugo Achugar e Renato Cordeiro Gomes, que contribuem para que se possa tomar os valores de centro e periferia como intercambiáveis, e

¹ Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Letras - Estudos Literários - da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Mestra em Letras - Teoria da literatura -, pela mesma instituição. E-mail: vspaiva@gmail.com

ressaltam a importância dos deslocamentos (tanto os geográficos quanto aqueles mais relacionados a certo modo analítico) para a compreensão do papel do escritor/intelectual na contemporaneidade.

Ángel Rama, em *A cidade das letras* (1985), afirma o papel mediador das letras latino-americanas com o poder hegemônico, principalmente no que diz respeito à criação das identidades nacionais. Já seus posicionamentos em um trabalho posterior, *La riesgosa situación del escritor exiliado* (1998), apresentam os efeitos dos deslocamentos a que os indivíduos ficam submetidos no mundo contemporâneo, que fazem com que eles cheguem a cenários com os quais não têm uma história em comum e que contemplam como universos alheios, com dificuldades em poder recuperar o passado e as tradições que sustentem sua identidade. Permito-me inferir que este seria um indício de que Rama já estaria ressaltando a “vantagem” do olhar latino-americano em contato com lugares/poderes cuja relação estabelecida seria a de desigualdade.

Renato Cordeiro Gomes, no capítulo *O intelectual e a cidade das letras*² (2004, p. 120), aproxima-se mais do mundo pós-moderno, que conceitua como “era de grandes reestruturas geográficas, de poderosíssimas corporações que dominam a indústria cultural global, da instalação de novas redes de comunicação, de simulacros e manipulação de imagens” GOMES (2004, p. 120-121); afirmando ainda que, na economia globalizada, trata-se:

[...] de uma espacialidade inédita, muito distante já da esfera pública burguesa em seus começos, ou da cena urbana em que operava a cidade letrada até há pouco. A cidade letrada se viu ameaçada de morte com a indústria transnacionalizada do imaginário de massa, ao lado do fato da fragmentação da comunidade (lembre-se que a comunidade é pressuposto para a existência da própria cidade letrada).

O que resta da cidade letrada, de acordo com o autor, “são ruínas, resíduos, fragmentos” (GOMES, 2004, p. 121). A literatura perderia, assim, a sua relação com o espaço público, marca da cidade letrada de Rama, e cederia lugar à televisão, às figuras “do especialista e do técnico, [e] do jornalista como ideólogo” (GOMES, 2004, p. 122), além de deslocar “os lugares de enunciação da tradição intelectual e de seu pão intelectual e de seus problemas para a cultura de massa” (PIGLIA, 2000, p. 193 *apud* GOMES; MARGATO, 2004, p. 122). Gomes destaca, então, a proposta de Ricardo Piglia – o deslocamento –, que estabelece diálogo com as seis propostas de Ítalo Calvino³.

² Capítulo do livro *O papel do intelectual hoje* (2004), organizado por Renato Cordeiro Gomes e Izabel Margato.

³ Ítalo Calvino preparou uma série de conferências que seriam apresentadas em Harvard, intitulada *Seis propostas para o próximo milênio*. Tais propostas são a leveza, a rapidez, a exatidão, a visibilidade, a multiplicidade. A sexta, a consistência, não chegou a ser escrita.

Piglia, em *Una propuesta para el nuevo milenio* (2001), inicia o seu texto por localizar o seu discurso (e por conseguinte marcar a sua tomada de posição) “desde Buenos Aires”, “desde este suburbio del mundo”, “desde el margen, desde el borde de las tradiciones centrales”, dizendo ser vantajoso não estar em um país central de longa tradição – e defende o olhar enviesado de quem está à margem e produz um valor suplementar, especulando sobre a persistência desse valor na posterioridade e nas possibilidades da literatura futura.

A partir dessas considerações, Gomes lança a pergunta que preocupa o intelectual contemporâneo: “Como construir na linguagem o lugar em que o outro possa falar?” (GOMES, 2004, p. 126). Uma possível abordagem de resposta para a pergunta de Gomes pode ser encontrada nas proposições de Hugo Achugar, que, em *Planetas sem boca* (2006), assim como Piglia, estabelece as marcas do lugar a partir de onde fala: o Uruguai. Nomeia-o “periferia”, “margem”, “não-lugar”, “América Latina”, entre outros termos; mas afirma também que este é o seu lugar não apenas porque é onde ele se encontra geograficamente, mas porque ele o escolheu. Segundo ACHUGAR (2006, p. 20),

Os outros nos falam. Na realidade, sempre se pode dizer que há um Outro que nos fala e que, por sua vez, o Outro fala em outros Outros. O centro/os múltiplos centros fazem falar a margem. Por sua vez, a periferia, a margem – enquanto situacional – torna-se centro para outras periferias e as faz falar. [...] O subalterno não pode falar, pois se fala já não é. O subalterno é falado pelos outros.

Para o autor (2006, p. 14), “A qualificação do deslocado, ou do lugar de desprezo e do não-valor, é produzida por outros e não pelo sujeito da enunciação mesmo que ele termine por assumi-la, com ou sem orgulho, de forma submissa ou insubmissa”. E afirma ACHUGAR (2006, p. 20):

Esse lugar da carência, que é o lugar da produção de valor, a partir da periferia ou margem. (Margem e periferia são, em meu discurso, praticamente intercambiáveis). Esse lugar é, para o Primeiro Mundo, para aqueles que entendemos como hegemônicos no Primeiro Mundo – deixando de lado as dissidências que o habitam – para o hegemônico olhar euro/ianque/antro-pocêntrico, o lugar da carência. Ou seja, a autoridade determina que não tem nada a dizer ou, o que também é possível, a autoridade carece do instrumento que lhe permita ouvir o que os planetas/a periferia, a margem, têm a dizer.

Segundo Achugar, os lugares importam menos que o posicionamento assumido por aquele que fala. Para o autor (2006, p. 22), “[...] todos os lugares são construções metafóricas, mas enquanto algumas não necessitam ser justificadas, outras o necessitam [...]”. Tal afirmação poderia justificar as considerações que faz a respeito do balbucio, ou a forma como podem ser considerados os dizeres teóricos e ficcionais, vindos das margens (para o autor, estar à margem constitui uma posição provisória e situacional), do ponto de vista do centro

hegemonico do saber. ACHUGAR (2006, p. 24) entende o balbucio não como uma carência, mas como uma afirmação da sua identidade,

[...] afirmação de que o pensamento crítico latino-americano não tem que pagar tributo à sistematização “euro/ianque/etc./etc./etc.”, que o que ele tem de sistemático [...], ou sua maior virtude, fundamenta-se no fato de que habitamos “espaços incertos”, outros territórios, âmbitos inexplorados que sempre estamos em processo de construir, descobrir, habitar.

O que Achugar chama de sistematização dialoga com o “mito” destacado por Sonia TORRES (1996, p. 180):

O processo de construção da identidade dos países do centro baseia-se fortemente na instauração de um mito fundador cuja função é afirmar sua supremacia de colonizador, através da produção e exportação de conhecimentos, e da utilização de estratégias discriminatórias de apagamento das diferenças raciais, culturais e linguísticas.

Torres amplia a discussão no sentido de destacar o apagamento provocado por culturas ditas “fortes”, “centrais”, que deve, assim, ser combatido, bem como ressignificado, de modo a indicar que justamente o alvo do apagamento deve ser entendido como a força da diferença, potente. A potência está na força criadora a partir da diferença, assinalada não apenas por Achugar, mas também por Santiago, quando defende que os “elementos esquecidos, negligenciados e abandonados pela crítica” sejam a base para a construção de um discurso que “estabelecerá como único valor crítico a diferença” (SANTIAGO, 2000, p. 19 *passim*).

Angel Rama, em “La riesgosa navegación del escritor exiliado” (1998, p. 235-250), afirma que a história da América Latina está marcada por deslocamentos forçados de políticos e intelectuais – que se estende aos escritores, devido a uma outra tradição latino-americana que é a de uma forte filiação política e de engajamento –, que vão buscar em países vizinhos e na Europa as condições para exercerem as suas atividades. Condições estas que não devem ser confundidas com a busca de uma fonte de saber, ou com uma possível relação de dependência, e sim um deslocamento muitas vezes necessário para a continuidade de sua tarefa profissional, que, em um mundo em que as possibilidades das fronteiras dizem mais que as barreiras em si, pode ser bastante enriquecedor.

Berkeley em Bellagio

No romance *Berkeley em Bellagio* (2002), o protagonista empreende duas viagens a países estrangeiros, a trabalho, as quais o afetam (e também a sua produção – seu trabalho

como professor e escritor residente) de maneira muito profunda, e, ainda que inicialmente confuso e tentado a se manter num lugar diferente do seu, posteriormente sofre as consequências de ser forçado a produzir para atender a exigências acadêmicas, e acaba por se reconciliar com sua língua (momentaneamente apagada) e tarefa: a de escrever, produzir, desde o lugar a que pertence, ao seu lugar de eleição. Embora em romances anteriores, como *Bandoleiros* (1985), *Rastros do verão* (1986), ou *Harmada* (1993), alguns personagens de Noll exercessem atividades intelectuais como atores e escritores, eles eram apresentados geralmente como desempregados ou desconectados do mercado de trabalho formal. Em *Berkeley em Bellagio* ocorre uma guinada, visto que o personagem é professor e escritor, está vinculado a instituições estrangeiras poderosas e se encontra nessa situação não por acaso, mas por escolha própria.

Vale ressaltar um comentário a respeito da ambiguidade do título da obra, que, a princípio, nomeia cidades localizadas em continentes diferentes (o americano e o europeu), ligadas pela preposição “em”, o que torna uma leitura possível do título como “uma cidade em outra”. Porém, o nome Berkeley pode designar também um sujeito, o que faz o significado do nome transitar da geografia para um intelectual/filósofo, o que transforma a leitura do título em “um sujeito em um lugar”: “Eu era Berkeley em Bellagio, o bispo e o filósofo irlandês em retiro pisando em folhas secas [...]” (NOLL, 2002, p. 6). Além disso, na cidade de Berkeley, há um *campus* da Universidade da Califórnia; e, em Bellagio, a Fundação Rockefeller implantou, na Itália, um centro de “formação” de escritores, numa antiga construção chamada *Villa Solti*. Tais lugares, percorridos pelo personagem na narrativa, são, pois, aqueles em que se estabeleceram instituições hegemônicas com a marca da academia dos Estados Unidos. Dessa forma, algo “em” outro assinala, desde o título e suas possíveis leituras, uma relação de poder.

O intelectual⁴ apresentado por Noll, no romance, parece ser aquele que se vale da mobilidade e da visibilidade proporcionadas pelo vínculo com instituições estrangeiras para alavancar-se profissionalmente, ou para conseguir espaço para trabalhar, criar, ser ouvido. Porém, a relação do personagem com os lugares que habita e percorre é uma relação

⁴ Historicamente houve várias versões do termo “intelectual”, que a partir da “oposição trabalho manual/trabalho intelectual – passaram pela que o considera como literato, artista, sacerdote ou filósofo, para chegar àquela que o considera como “aquele que faz uma reflexão sobre o mundo e/ou propõe uma visão ou imagem simbólica do mesmo” (VOLPE, 2005, p. 70). O intelectual seria, assim, “um indivíduo dotado de uma vocação para representar, dar corpo e articular uma mensagem, um ponto de vista, uma atitude, filosofia ou opinião para (e também por) um público” (SAID, 2005, p. 25); e também “indivíduos cuja capacidade de pensamento e discernimento os torna adequados para representar o melhor pensamento – a própria cultura – fazendo-o prevalecer” (SAID, 2005, p. 41). O ideal de intelectual defendido por Said, o *outsider*, seria um indivíduo que buscaria independência em face de pressões de instituições e até mesmo de seu próprio Estado, “autor de uma linguagem que tenta falar a verdade ao poder” (SAID, 2005, p. 15).

problemática. Quando no Brasil, vive em situação difícil, “aquela falta de trabalho ou de aceno de qualquer coisa que lhe restituísse a prática do convívio em volta de uma refeição, sob um endereço seguro” (NOLL, 2002, p. 10). E se “em seu país tá brabo, camelôs, pedintes, barrigas vazias, nem pro café com leite o bolso se apresenta” (NOLL, 2002, p. 39), o personagem de *Berkeley em Bellagio* persegue a nova oportunidade que lhe é dada de trabalhar fora do país (não é a primeira vez que vai a Berkeley, pois já havia estado lá anteriormente como escritor-residente, e dessa vez é convidado a lecionar) e exhibe os contrastes que há entre o que ele consegue ser em seu país de origem e fora dele. Parece haver uma espécie de “ignorância mútua” pairando sob os “lados” em questão: ainda que professor convidado, ocorre a dificuldade em conseguir o visto de entrada nos EUA, dadas as condições materiais do protagonista; posteriormente, já designado em sua função, demonstrando uma desconfiança, em relação aos seus alunos (de diversas nacionalidades), a respeito da *utilidade* da disciplina “Cultura Brasileira”, que leciona em língua portuguesa. Seu segundo trabalho, desta vez em Bellagio, o faz refletir novamente a respeito de sua posição e seu papel (NOLL, 2002, p. 28):

[...] um bom *signore*, geralmente sem ter onde cair morto em sua própria terra, mas hoje um escritor famoso a receber convites do mecenato internacional, mormente o norte-americano, é claro; mesmo que pudesse contar fora dos muros do palácio com a efusão latina, prima de seu país de origem, ali estava ele, acorrentado àqueles *scholars* americanos em sua maioria e, no mais, no momento, à chilena da ONU, a uma poeta tcheca, três músicos coreanos, um filipino, não muito mais que isso.

O lugar de trabalho do personagem em Bellagio é uma Fundação Americana, que, embora fosse conhecida no tradicional âmbito italiano como “Villa Solti”, é mencionada no romance, significativamente, como “Catedral”. Dessa forma, torna-se possível uma leitura do termo “intelectual” ligado à “instituição” sob o viés do cânone, pois haveria uma dupla ligação com o cânone: a religiosa, com o Bispo e a “Catedral”, e a que se refere ao conhecimento hegemônico, privilegiado, que se constitui em “fonte” a ser alcançada pelo intelectual latino-americano contemporâneo que nela se refugia e arrisca ser “canonizado”.

Isolado na “Catedral”, sob o controle do Diretor da instituição, apelidado como “Bispo”, o personagem de Noll chega a afirmar sentir-se ele próprio um outro. Isso pode levá-lo a não comprometer-se, não dizer de si, mas dizer sobre aquele em quem se transformou, um ninguém. Esse “outro”, estrangeiro, é aquele que fala através da instituição, é o “outro” que obedece às ordens do Bispo da Fundação (NOLL, 2002, p. 51):

[...] pensei na minha idade, vi que isso para mim já não dizia nada, nem o nome que me deram na pia batismal lembrava, se é que em algum dia me deram um nome, um corpo definido, uma imersão no tempo, se é que o tempo ainda não corre para esse ninguém que acabei sendo em meio à Fundação americana.

Não pode ser ele um outro que não alguém que está *contra*. Tal situação limite põe em evidência o violento jogo do poder implicado nas relações de dominação, as consequências do exílio, bem como a saída possível: ser ninguém, que parece semelhante a ser “cópia”, conforme Santiago (2000) – simulacro que se torna o sujeito colonizado, cuja origem vai sendo apagada em prol de um projeto de dominação cultural. Tal simulacro afeta o personagem do romance, de modo que parece ter-se tornado um efeito do lugar em que está: sujeito capaz de ter voz, mas uma voz que exprime sua *diferença*. Uma diferença, no entanto, que pode manifestar algum conflito interior: em outra feita, que parece também ser efeito dessa “cópia”, o protagonista chega a cogitar viver nos Estados Unidos, levando, a cada verão, um garoto bronzeado de Copacabana; ou mesmo ao acreditar ter desaprendido o português, ao retornar ao Brasil, suposto efeito do *desexílio*⁵.

Outras imagens semelhantes mencionadas no romance são as do estado de “sono” e de “transe”, vivenciados quando da assimilação da língua inglesa, porta de entrada e suposto triunfo do personagem. Quando no estado de sono, equivalente a momentaneamente sentir-se parte, ele pôde vivenciar alguma espécie de luxo, *glamour* proporcionado pelas condições confortáveis, convidativas, que lhe são oferecidas nos dois países. Condições que incluem a presença de um nome impreciso, não equivalente ao seu (falta-lhe o acento, a cor “local” que lhe dá sonoridade e identificação), impresso em um cartão colado à porta do seu quarto na Catedral. Um nome – “Joao” –, que ele tenta explicar como se pronuncia, desenhando um til no ar, quando o seu companheiro de Fundação Americana tenta adivinhar como dizê-lo. Sair do transe, do sono, por sua vez, só é possível quando do retorno à sua cidade natal, Porto Alegre, e quando da retomada (que o personagem fantasia como reaprendizagem) da língua portuguesa. Um retorno que acontece, por sua vez, de maneira um tanto curiosa, no sentido de que, no mesmo voo que o dele, dirigem-se, para o seu país, vários refugiados de uma guerra sem nome, um desastre não especificado. O personagem então vaticina: “é para uma terra estranha que eles estão se dirigindo, justo a minha, onde nasci, me criei, vivo sozinho” (NOLL, 2002, p. 80). O jogo dos deslocamentos e dos sentidos dos lugares parece então recomençar.

⁵ O *desexílio* (termo cunhado por Mario Benedetti) teria efeitos tão severos quanto o exílio, além de configurar-se como uma nova ruptura – nem aquele que retorna, e tampouco os que ficaram, serão os mesmos (BENEDETTI, 1961).

Considerações finais

Noll, em seu romance, acaba por nos mostrar uma imagem de brasileiro que se desloca, circula; tem e requer espaço, voz; tem clareza quanto ao seu papel, sua força; e destaca, em seu personagem, um poder de percepção e de transgressão do jogo de forças que o entrelaça, suposta fonte e luz de saber e conhecimento à qual está vinculado. Dessa forma, sinaliza as *diferenças* as quais o latino, colonizado, utiliza como sua marca. Não é o seu país, o Brasil, um lugar de segunda ordem, senão ponto de partida, de chegada, e de (re)começos; um lugar em que se estabelecem relações que independem das noções de centro e periferia. Para SANTIAGO (2000, p. 26),

Entre a transgressão e o jogo, entre a prisão e a transgressão, entre a submissão ao código e a agressão, entre a obediência e a rebelião, entre a assimilação e a expressão – ali, nesse lugar aparentemente vazio, seu templo e seu lugar de clandestinidade, ali, se realiza o ritual antropófago da literatura latino-americana.

É necessário haver, portanto, um discurso de afirmação, que é também um discurso identitário, que assinale a importância do discurso latino-americano para além do entendimento de colonizado, mas como lugar que exige para si também o direito de dizer, a seu modo, com suas especificidades, os saberes que desenvolve. Pois a literatura brasileira, latina, tem a mostrar, além da sua diferença, tratada como força, uma temática que está para além da noção de centro (em oposição à de periferia, margem), mas que está presente na potência mesma da vida. É posto o desafio à noção de centro⁶ justamente porque não pode mais haver sustento para um discurso que necessita amparar-se no desequilíbrio, na dominação, para existir; e só há centro nessas condições. Quando as margens, a periferia, o subúrbio do mundo (todas essas imagens situacionais, que se enfatize) assumem a palavra, desequilibram tais categorizações e produzem, pois, novos jogos de força e saberes. Deixar falar o outro parece ser mesmo deixar falar a si, aquele que ocupa o espaço ainda misterioso das coisas que serão descobertas, pois reconfiguradas em novo modo, enviesado, de olhar.

Referências

ACHUGAR, Hugo. *Planetas sem boca: escritos efêmeros sobre arte, cultura e literatura*. Trad. Lyslei Nascimento. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2006.

⁶ Cf. HUTCHEON, 1991.

- BENEDETTI, Mario. *El desexilio y otras conjeturas*. Santiago del Estero: Editorial Nueva Imagen, 1961.
- GOMES, Renato Cordeiro; MARGATO, Izabel (Org.). *O papel do intelectual hoje*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2004.
- HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo*. Trad. Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1991.
- NOLL, João Gilberto. *Berkeley em Bellagio*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.
- PIGLIA, Ricardo. Una propuesta para el nuevo milenio. *Margens/Márgenes*. Belo Horizonte, Buenos Aires, n. 2., p. 1 – 3, out. 2001.
- RAMA, Angel. *A cidade das letras*. Trad. Emir Sader. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- _____. *La riesgosa navegación del escritor exiliado*. Montevideo, Uruguay: Arca, 1998.
- SAID, Edward. *Representações do intelectual*. Trad. Milton Hatoum. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- SANTIAGO, Silviano. O entre-lugar do discurso latino-americano. In: *Uma literatura nos trópicos*. 2. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000, p. 9-26.
- TORRES, Sonia. Desestabilizando o “discurso competente”. *Gragoatá*. Niterói, n. 1, p. 179-189, 2 sem. 1996.
- VOLPE, Miriam L. *Geografias de exílio*. Juiz de Fora: Editora da UFJF, 2005.

Recebido em: 04.10.2015
Aceito para publicação em: 20.11.2015